

Sebastião A.B. de Carvalho
Do Cenáculo Fluminense de História e Letras - CFHL

AMARGURA E GÊNIO

NA VIDA DE EUCLIDES DA CUNHA



RIO DE JANEIRO
2012

AMARGURA e GÊNIO na VIDA de EUCLIDES DA CUNHA



Sebastião A.B. de Carvalho

Do Cenáculo Fluminense de História e Letras - CFHL



Edição do autor

Rio de Janeiro
Março de 2012

HOMENAGEM ESPECIAL

Este livro é dedicado à memória do literato, presidente da Academia Fluminense de Letras,

Edmo Rodrigues Lutterbach,



emérito euclidianista cantagalense,
que se dedicou ao estudo e divulgação
da obra de seu genial conterrâneo..

Antes de completar dois anos de idade, Edmo foi com os pais residir na Fazenda da Saudade, berço do autor de Os Sertões, Euclides da Cunha, nascido em 20 de janeiro de 1866. Em sua produção literária, há muitos estudos sobre este autor, seu conterrâneo. Edmo Rodrigues Lutterbach tornou-se autoridade sobre o genial escritor, sendo muito requisitado por estudiosos.

(Extraído do site de Edmo Rodrigues Lutterbach constante da Confraria Virtual de Niterói, mantida na Internet desde 2005. www.nitcult.com.br/edmozero.htm)

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Homenagem especial..... | 02 |
| Índice..... | 03 |
| Introdução..... | 04 |
| Esclarecimento..... | 05 |
| Cap.1 - Solidariedade filial aumenta a tragédia..... | 06 |
| Cap. 2 - Em defesa da honra..... | 11 |
| Cap. 3 - Euclides em família..... | 13 |
| Cap. 4- A mocidade do gênio..... | 16 |
| Cap. 5-Defesa da Amazônia brasileira..... | 20 |
| Cap. 6 - Campanha de Canudos e Os Sertões..... | 26 |
| Cap.7- Imortal: Academia Brasileira de Letras..... | 30 |
| Cap. 8 - O esotérico em Euclides da Cunha..... | 34 |
| Cap. 9 - SãoJosé do Rio Pardo e Cantagalo..... | 35 |
| Cap.10- Euclides, exemplo e inspiração..... | 37 |
| Apêndice: O estouro da boiada..... | 39 |
| O sertanejo..... | 42 |
| Peru versus Bolívia..... | 45 |
| Fotos antigas..... | 53 |
| O autor..... | 57 |

INTRODUÇÃO

Angústia e *genialidade* foram, entre outros, traços marcantes da vida trepidante de Euclides da Cunha.

Seja no âmbito familiar, seja no profissional, o autor de *Os Sertões* passou por momentos e episódios em que sofreu a dor física ou psicológica, e outros, nos quais a genialidade de um cérebro privilegiado, de uma vasta cultura e de uma aguda intuição prevaleceu sobre as dificuldades da vida.

Pouco importa que nos debrucemos sobre os magnos problemas nacionais para cuja solução Euclides contribuiu, com estudos aprofundados e decisivos, ou sobre o aspecto literário de sua obra, na qual se encontram preciosos subsídios, úteis a todos que querem aprimorar o estilo e a capacidade de descrição ou análise.

Pouco importa que consideremos a condição física ou psíquica de Euclides no âmbito da família ou no profissional, — ambos amplamente analisados e discutidos.

Certo é que *angústia* e *genialidade* estão presentes na vida desse homem extraordinário, que legou à humanidade um imenso tesouro, obra grandiosa que abrange um largo espectro de conhecimentos, e um dignificante exemplo de tenacidade, competência e patriotismo.

Esclarecimento

Não poderíamos deixar de consignar nossa dívida com jornalistas que no passado se dedicaram à divulgação da vida e da obra de Euclides da Cunha, notadamente o Sr. Brício de Abreu, diretor do autodenominado grande hebdomadário brasileiro, intitulado DOM CASMURRO, edição dedicada a Euclides da Cunha,

Na edição de maio de 1946, em seu ano X, esse interessante informativo publicou matérias valiosíssimas, cobrindo os principais acontecimentos da vida do genial autor de OS SERTÕES.

Textos e fotos, inclusive raras, encontramos nessa edição de DOM CASMURRO, algumas reproduzidas neste nosso trabalho.

As demais fontes das quais extraímos informações foram, além da revista DOM CASMURRO, os livros de Euclides da Cunha e sites da Internet, com destaque para o Wikipedia.

Procuramos colocar, em cada capítulo, a nossa visão da vida e da obra de Euclides, que tanto admiramos, e cuja memória cultuamos desde quando, ginásianos, éramos alunos da talentosa euclidiana, professora Amélia Tomás, que dividia conosco a redação do jornal O NOVO CANTAGALO nas décadas de 1950 e 1960.

Amélia Tomás mantinha em nosso jornal, a Coluna Literária, onde analisava obras de ilustres literatos do Brasil e do exterior. Professora de Português no Ginásio Euclides da Cunha, em Cantagalo, organizou um concurso literário sobre Euclides, do qual participei. Infelizmente, devido a problemas de patrocínio, ela não pode concluir o concurso, com a entrega dos prêmios!...

De qualquer forma, foi uma experiência válida, na tentativa de se fazer algo pela divulgação da obra do nosso genial escritor.

Sebastião A. B. de Carvalho
mahabhtani@yahoo.com.br

1. Solidariedade filial aumenta a tragédia

A angústia de Euclides e seus filhos atingiu ao máximo naquele fatídico domingo chuvoso, quando se desenrolou o drama do bairro da Piedade.

No paroxismo do sofrimento, por ter certeza de que sua mulher o traia, e com alguém que seria um protegido da família, Euclides foi acompanhado por seus filhos, que com ele se solidarizaram, mesmo quando ainda não tinham pleno conhecimento do drama vivido por seus pais.

Quidinho, o junior de Euclides, escreveu, em 1944, um artigo, no qual relata a tragédia da Piedade, falando de seu sofrimento por suspeitar da própria mãe, e por sentir o drama de seu pai, cujo comportamento, embora reservado e contido, deixava transparecer uma inquietude preocupante...

Ataca Dilermando, considerando-o um traidor e assassino covarde, lamentando que a justiça tenha cometido o absurdo de absolve-lo, alegando legítima defesa.

Conta Quidinho: *“Dilermando, vendo que meu pai atirava, ou antes dava ao gatilho, sem que houvesse munição, armou-se com um revólver Nagant, calibre 42, e dispôs-se à luta, ou antes, ao assassinio covarde, que ia praticar...”*

Sólón, o filho mais velho de Euclides, havia se deslocado para a casa da Piedade em busca de sua mãe, resolvido a convencê-la a retornar para o lar, que deixara com a desculpa de desentendimento com o marido. Sólón encontrava-se no alpendre existente nos fundos da casa, onde passara a noite, “*carpindo*



sua dor de filho abandonado e desprezado por sua mãe!...” esperando que ela mudasse de idéia.

Foi então que, ouvindo disparos, correu para o interior da casa e, vendo que seu pai era o alvo, atirou contra Dilermando, mas foi

atingido com um soco na nuca, por Dinorah, que, embora ferido, foi capaz de pô-lo fora de combate.

Euclides acorreu em defesa do filho, porém foi atingido no braço por uma bala desferida por Dilermando. Com o braço quebrado, ele vai em procura da mulher infiel, pretendendo matá-la, mas não a encontra. Pensa então em retirar-se, quando é atingido pelas costas com um tiro mortal, desferido por seu desafeto.

Segundo relata Quidinho, seu pai, prestes a exalar o último suspiro, atendeu aos rogos do assassino, perdoou-o, dizendo: “*Odeio-te, mas te perdoo!*”

Euclides perdoou, mas o filho, não! Escreveu: “*O perdão é digno das grandes almas. Porém perdoar aos que não merecem é coisa que não deverias fazer! A justiça não procedeu como devia. Quem deverá castigar semelhante crime? O futuro dirá!*” (Rio de Janeiro, 2 de julho de 1916).

Escrito e feito! Dois dias após escrever este texto, o filho caçula do escritor procurou fazer justiça com as próprias mãos.

Defendido pelo famoso jurista Evaristo de Moraes, Dilermando havia sido absolvido, em 5 de maio de 1911. No dia 4 de julho de 1916, quite com a Justiça, em relação ao processo de homicídio, chegou ele, por volta das 13 horas, ao Cartório do 2º Ofício da 1ª Vara de Órfãos da então capital da República,.

Queria conhecer sobre a decisão que fora proferida por parte do juiz, a propósito da tutoria do menor Manoel Afonso Cunha. Estava lendo os autos, apoiado num corrimão, quando, repentinamente, ouviu uma detonação e, ato contínuo, sentiu-se ferido! As pernas fraquejaram e a vista escureceu. Voltando-se, divisou alguém vestido como aspirante da Marinha. Era Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, o único aspirante da Marinha que podia tentar contra sua vida. Por se tratar de um filho da mulher com quem há pouco se casara, e portanto um irmão de seus próprios filhos, procurou retirar-se, buscando a porta da rua... Mas Quidinho continuava a atirar, ferindo-o, e ninguém o socorria! Com esforço sacou de sua arma, um revólver calibre 32, disparando contra seu agressor que ainda estava de revólver em punho. Morria o aspirante Euclides da Cunha Filho, ao tentar vingar a morte do pai.

Os primogênitos da família Pimenta da Cunha foram sempre unidos. Arnaldo Pimenta da Cunha e Nestor Pimenta da Cunha mostraram-se solidários nos transe amargurados da saudade e do desvelo. Defenderam a memória do ilustre escritor e querido parente. Cuidaram dos funerais com grande desvelo, comparável ao tratamento prestado a Machado de Assis. Ocorreu um episódio envolvendo Coelho Neto, que causou celeuma entre os amigos de Euclides. Coelho Neto, à beira do túmulo, falou em “refúgio anônimo”, referindo-se à situação dos restos mortais de seu finado amigo. Na verdade, essa expressão não tinha razão de ser, pois Euclides seria para sempre lembrado como um dos grandes expoentes da nacionalidade!

É claro que Coelho Neto não tinha a intenção de diminuir a glória de seu amigo. Talvez a visão do corpo daquele que em vida tenha se movimentado por tantas latitudes, e agora jazia inerte, baixando à sepultura, o tenha influenciado a ponto de fazer aquela declaração. O mal entendido, todavia, não tardou a ser resolvido por parentes e amigos.

A família de Euclides era bastante unida. Seus filhos admiravam e amavam o pai, ilustre e conceituado no país e no exterior.

Os fortes laços filiais faziam refletir na prole os sentimentos de decepção, angústia e ódio que extravasavam do homem, traído pela mulher escolhida para mãe de seus filhos! Assim, os rapazes chamaram a si a missão de vingança, agasalhada por seus egos torturados pelo sofrimento da grande e irreparável perda.

Como aceitar que a vida continuasse a fluir normalmente, após o terrível desenlace?

Como encarar parentes, amigos, a própria sociedade e o mundo, se deixassem impune o cruel assassino de seu pai?

Como deixar-se ao repouso, à noite, na solidão do quarto, quando a mente se alvoroça em desencontrados sentimentos e confusas ideias, na recordação daqueles fatos dantescos do assassinato de seu pai?

Não! Permanecer inerte nesta situação é inconcebível! É simplesmente extrema covardia!

Assim devem ter-se agitado as mentes dos filhos de Euclides, quando tentaram pôr fim à vida de Dilermando...

Não foram ben sucedidos em seus objetivos, mas cumpriram com o que consideravam de extrema importância e inelutável realização!

Ambos pereceram pelas armas do assassino de seu pai!

2. Em defesa da honra

A família, atingida pela tragédia, unira-se em defesa da honra, ultrajada pelo adultério.

“Mataram meu filho! Mas estou satisfeito, porque ele morreu em defesa de sua honra e do seu nome. Foi um digno!”

Assim se expressou o pai de Euclides, após recompor-se, tendo recebido a triste notícia da morte do filho.

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha era poeta. Escreveu, em Cantagalo, nos idos de 1874, quando Euclides tinha apenas oito anos de idade, versos a Castro Alves, patrono da cadeira que Euclides veio a assumir, trinta anos depois, na Academia Brasileira de Letras.



Ao investir contra Dilermando e sua esposa infiel, Euclides agiu de acordo com o pensar corrente no início do século: a honra deve ser preservada a todo custo, até mesmo lavada em sangue! Assim, aquilo que hoje se resolveria com o divórcio, a separação legal, resultou em grande tragédia!

As palavras do pai, proferidas em momento de sofrida emoção, denota a dimensão desse sentimento, pois, embora atingido pela dor da perda irreparável de seu ente querido, ele

afirma que *está satisfeito*, por ter sido lavada a honra do filho e da família.

Há inúmeros exemplos dessa luta pela honra, pelo orgulho pessoal e de família, pela preservação do bom nome, penosamente conquistado. Os famosos duelos da Idade Média constituem-se, talvez, no mais conhecido e ilustrativo, com o qual se resolviam as pendências à ponta de espada ou tiros de pistola!

Os casos de infidelidade ocupam posição de destaque no histórico das querelas resolvidas à base da violência, com a eliminação física do ofensor... Ou do ofendido!

Euclides buscou vingança, atendendo aos reclamos de seu ego, conturbado pela angústia e pelo ódio, e instado pelas exigências da moral e dos costumes vigentes à época!

Sendo um homem público, de notória importância nacional e internacional, não poderia aceitar outro desfecho que não o de lavar a honra com sangue!

Deve-se levar em conta, ao analisar esse triste desenlace, o caráter explosivo do escritor, capaz de atitudes drásticas, quando desafiado em questões de foro íntimo -- familiares ou não -- do que é exemplo o episódio no qual, estando em forma, diante do ministro da guerra tentou partir o sabre e, não conseguindo, atirou-o aos pés da autoridade!

3. Euclides em família

As dificuldades de uma vida errante e o nervosismo que caracterizavam a personalidade de Euclides contribuíram para que ele assumisse atitudes radicais, na defesa de seus ideais.

Dos seus ascendentes, pelo lado materno, especialmente, os que residiam no Estado do Rio, há referências pormenorizadas. Os da Bahia, são a avó paterna, D^a. Tereza Maria de Jesus Viana, casada com Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, português. Ao enviuvar, contraiu núpcias com Joaquim Antonio Pereira Barreto, baiano.

Do primeiro consórcio nasceram os seguintes filhos: Manoel, Antonio e José Rodrigues Pimenta da Cunha, e três filhas: Tereza Maria de Jesus, Maria Apolônia de Jesus e Mariana de Jesus. Houve, ainda, cinco filhos que cedo vieram a falecer. Ao todo onze, dos quais os três primeiros, homens, foram os únicos que se casaram, deixando descendentes.

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, filho mais velho, pai de Euclides, sobreviveu aos seus dez irmãos. No ano de 1909, faleceram: José, em 13 de fevereiro, Euclides, em 15 de agosto, e Manoel em 6 de outubro. Do segundo matrimônio descenderam: Joaquim Antonio, Justino e Francisco Pereira Barreto, homens, e Maria Amélia e Constança Amélia Barreto.

Euclides contava três anos e meio quando perdeu a mãe, Eudóxia Moreira da Cunha, em 1º de agosto de 1869. Ele e sua irmã, Adélia, órfãos, foram então levados para a casa dos tios maternos, Rosinda e Urbano, que residiam em Teresópolis.



Fazenda da Saudade em Cantagalo RJ, onde nasceu Euclides

Ao falecer Rosinda, nova mudança, desta vez para a Fazenda São Joaquim, em São Fidelis, pertencente a outros tios maternos: Laura e Cândido José de Magalhães Garcez. Euclides começa seus estudos no Instituto Colegial Fidelense, contando oito anos de idade.

Apenas três anos após, em 1877, o rapaz está residindo com sua avó paterna, na antiga cidade de Todos os Santos, futura Salvador, capital do Estado da Bahia. Frequenta o Colégio Bahia, então dirigido por Ernesto Carneiro Ribeiro, mestre de Ruy Barbosa. Mas em 1879, é levado para o Rio de Janeiro instalando-se na residência do tio paterno, Antonio Pimenta da

Cunha, no Largo da Carioca. Inicia-se, então, uma nova etapa em sua vida.

Desde cedo Euclides conheceu a vida errante, de mudanças, que a família era obrigada a fazer, em luta pela sobrevivência. Em sua vida adulta, continuou a viajar, agora no atendimento a exigências de trabalho.

Sobre a função de engenheiro, falou da “engenharia ambulante” que o levava a passar meses em diferentes latitudes desse país imenso!

Mas Euclides foi muito mais do que um engenheiro! Foi um desbravador e missionário, que contribuiu para a expansão dos limites do Brasil!]

A instabilidade familiar, aliada a um temperamento nervoso, agitado, plasmou um futuro eivado de episódios violentos, intempestivos...

Mergulhado em altos estudos da cultura universal, empenhado no desbravamento do país, em termos literários, geopolíticos e sociais, Euclides da Cunha reagiu de modo radical em momentos de crise, atendendo a esses fortes condicionamentos.

Talvez esses antecedentes expliquem seus comportamento nas situações limites da vida.

4. A mocidade do gênio

Sofrendo as vicissitudes de uma vida errante, com sucessivas mudanças de domicílio, em casas de parentes, especialmente após a morte da mãe, conhecendo diferentes cidades, escolas e moradias, Euclides acha refúgio no estudo, na ciência, sua mais íntima paixão.

Recolher-se nos livros e deixar-se absorver na observação da natureza, é o que lhe apraz. Sua inteligência, ágil e profunda, possibilita a penetração nos intrincados meandros da realidade. Seu temperamento arredo e um tanto solitário, porém impetuoso, contribui para lhe abrir as portas do conhecimento.

O gesto de rebeldia assumido perante o ministro militar do Império, colocou-o em excelente situação com o advento da República. E foi readmitido na Escola Militar a 19 de novembro de 1889.

O ministro da Guerra é, agora, Benjamin Constant, seu antigo professor, Pouco depois, já no governo do marechal Floriano Peixoto, é-lhe oferecida a oportunidade de escolher a posição que bem quisesse no novo regime. Todavia, Euclides se contenta em aceitar o que a lei prevê para engenheiros iniciantes: estágio de um ano na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Euclides casa-se com Ana, a Saninha, filha do major Solon Ribeiro e, conseguindo uma licença para tratamento de saúde, parte, com sua mulher, para a fazenda de café de seu pai, em Belém do Descalvado.

Voltando ao Rio de Janeiro, não demora a ser promovido a primeiro-tenente do exército. Início de 1893.

Freqüenta, então, vários estabelecimentos de ensino: Colégio Anglo-Americano, no Rio de Janeiro, Colégios Vitério da Costa e Meneses Vieira. e Colégio Aquino. Neste, vem a

publicar seus primeiros artigos, colaborando no jornalzinho “O Democrata”.

Contava dezenove anos de idade em 1885, quando foi aprovado para ingresso na Escola Politécnica e, no ano seguinte, assenta praça na Escola Militar da Praia Vermelha.

Agora, o rapaz idealista e ardoroso defensor da democracia e da república, está em contato com os grandes defensores desses ideais, já muito disseminado entre alunos e professores. A genialidade de Euclides faz com que perceba com clareza a importância do momento vivido pela nação brasileira, e ele não se faz de rogado. Assume uma posição corajosa e definitiva diante da autoridade repressora.

Quando, diante do ministro da guerra, em solenidade organizada para evitar que os cadetes manifestassem solidariedade ao tribuno Lopes Trovão, que chegava da Europa, Euclides tentou quebrar sua espada, e, não o conseguindo, atirou-a aos pés da autoridade, — selava ele o seu destino.

Perseguido pelo regime decadente, foi expulso da Escola e internado num hospital. Mas quando ocorreu a vitória do movimento republicano, os ventos passaram a soprar a seu favor, sendo reintegrado e promovido.

Julgado pelo Exército, Euclides manifesta-se corajosamente como republicano e democrata, sendo expulso. Inicia em 1897, uma profícua fase de atuação jornalística em São Paulo, usando sua inspirada pena, sob pseudônimo, na propagação daqueles ideais. Seus artigos contribuem para a conscientização do povo naquele momento crucial para os destinos da nação.

Sobre a mocidade de Euclides, dá-nos o General Cândido Rondon um valioso depoimento. Diz ele que o culto à memória do escritor *“se mantém pelo seu próprio peso, e não pelo calor e brilho de uma palavra evocativa de fortes emoções, brotadas do selo de fulgurantes arroubos de grandiloquentes discursos.”*

Rondon, reportando-se ao período de sua vida, de 1886 a 1889, fala sobre personalidades marcantes que atuavam na Escola Militar da Praia Vermelha, onde estudava Euclides da Cunha. Alonga-se em considerações sobre o papel de Benjamin Constant na preparação do povo para o advento da República.

Comenta que o emérito professor era *“a personificação acabada de todas as grandezas que podem embelezar o coração e a alma de um homem eminente que domine o cenário e dá ao tempo a sua feição cavalheiresca e heróica.”*

Ainda segundo Rondon, *“Euclides recebeu a impressão fortíssima desse momento indelével da nossa história; ele viveu nesse meio em que, ao fogo da vasta instrução científico-filosófica, forjaram-se os espíritos de alta têmpera da geração militar que teria de presidir à transição do antigo exército semi-colonial do nosso desajeitado regime imperial, para o Exército Republicano, consciente da sua missão social e política, que se vem formando, agora sob nossos olhos.”*

Benjamin Constant era mestre da Igreja Positivista no Brasil, que, com sede na cidade do Rio de Janeiro, congregava muitos dos militares envolvidos na causa da república. Essa instituição, fundada pelo francês Augusto Comte, que a dirigiu com sua consorte e sacerdotisa, Clotilde, manifestava-se como *a religião da humanidade*, e influenciou os militares brasileiros a ponto de inscreverem, na nova bandeira do Brasil, o lema positivista *Ordem e Progresso*. Augusto Comte, autor da Filosofia Positivista, na qual esboçou uma análise abrangente da evolução da humanidade, com a sua Lei dos Três Estágios, foi o criador da Sociologia,

estabelecendo bases gerais para o desenvolvimento da nova ciência, que veio a receber contribuições preciosas de estudiosos do quilate de Emile Durkheim, Herbert Spencer, Le Play, Gabriel Tarde, Vilfredo Pareto, Max Weber e outros.

Os discípulos de Benjamin Constant, por ele encaminhados à fonte da sabedoria, sorviam os ensinamentos divulgados nos folhetos do apostolado positivista do Brasil, onde sobressaiam pessoas do porte de pensadores como Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

No ambiente frequentado por Euclides, os problemas nacionais eram analisados à luz da moderna visão dos estudiosos, filósofos e sociólogos, e encaminhados aos que dirigiam a nação. Euclides, diferentemente de seus pares, que sabiam como refrear seus ímpetos, esperando ocasiões propícias para se manifestarem, *“nada temperava, nem media a ânsia de aplicar, de traduzir em atos as conclusões quaisquer a que o conduzisse a dedução dos princípios adotados”*. Isto explica o famoso ato de indisciplina perante o ministro da guerra do Império, e também a atitude intempestiva contra sua mulher e o amante, que culminou com a morte do escritor.

5. Defesa da Amazônia brasileira

Republicano de primeira hora, Euclides dedicou-se também à defesa da Amazônia brasileira, e aos limites territoriais de seu país.

Eu 1903 o Brasil viveu um duplo dissídio sobre a bacia amazônica: com a Bolívia, que não se conformava com a conquista do Acre pelos brasileiros, sob o comando de Plácido de Castro, e com o Peru, que, aproveitando-se de nosso desentendimento com a Bolívia, invadia territórios que ocupávamos pacificamente, alegando antigas reivindicações de mais de três séculos.

Considerado, com justiça, como o grande dilatador de nossas fronteiras, o Barão do Rio Branco, com o Tratado de Petrópolis, assinado a 17 de novembro de 1903, conseguiu impedir a luta que perturbaria a paz na América.

Resolvida a questão do Acre, restava a ocupação efetuada pelo Peru, de partes do território nacional no alto Purus, no Rio Chandless, e do alto Juruá, na foz do Amonea. Parecia que o Peru considerava a ocupação como definitiva, como indicavam as instalações lá erigidas.

Duas expedições militares restabeleceram nossa posse nos territórios ocupados nos altos dos rios Purus e Juruá. Tal ocorreu após violentos combates na foz do Amonea, culminando com a expulsão definitiva dos invasores.

Expulsos os invasores, tratou o governo brasileiro de aprimorar o conhecimento geográfico daquela região. Criou, em 12 de julho de 1904, duas comissões de reconhecimento geográfico, objetivando dirimir dúvidas que haviam gerado conflitos internacionais. Euclides da Cunha foi nomeado chefe e primeiro comissário brasileiro da Comissão de Reconhecimento e Exploração do alto Purus. Ele estava vivamente interessado na questão da Amazônia, após a rica experiência vivida no sertão.

Eis porque se aproximou do Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, que o nomeou. Instalando-se

na região conflituada, procurou obter uma visão sociologicamente correta, sem os preconceitos dos intelectuais citadinos.

Recebendo o relatório de Euclides, em 1906, o Barão do Rio Branco convida-o para trabalhar como adido ao ministério, em seu gabinete. Não tardam a serem publicados seus livros: *Contrastes e confrontos*, pela Livraria Chardron, do Porto, Portugal, e *Peru versus Bolívia*, uma coletânea de artigos. Afrânio Peixoto pede-lhe que prefacie o importante *Inferno Verde*, relato amazônico, de Alberto Rangel.

Sua genialidade, mais uma vez, coloca-o em excelente situação em concurso prestado, com outros 15 concorrentes, para a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II. Fica em segundo lugar, com o tema “Verdade e Erro”, logo abaixo do filósofo Farias Brito. Todavia, levando em consideração os relevantes serviços prestados ao Brasil pelo autor de *Os Sertões*, Rio Branco e Coelho Neto intercedem a seu favor, junto a Nilo Peçanha, então presidente da república, é Euclides quem recebe a cadeira - e não o filósofo vitorioso no concurso.

Em julho de 1908, entrega as provas de *À Margem da história*, aos editores Lello & Irmãos. O livro, póstumo, foi publicado em setembro.

A dedicação de Euclides à causa dos limites do Brasil, assombra, ainda hoje, a todos quantos leiam sobre as expedições que chefiou. Um companheiro desbravador, que privou da companhia do escritor, a partir de 1904, quando Euclides chegou a Manaus, Firmo Dutra, escreveu uma página de entusiasmada admiração, descrevendo e exaltando as qualidades daquele que, segundo seu entender, era “...*grande em sua glória imortal e sob um aspecto novo, o único que viveu nas páginas eternas que escreveu*” e possuía “*a face cristalina de seu espírito investigador de homem de ciência, de estudos; a face que o levou a deixar na sua esteira iluminada, a bagagem formidável que não é de um homem que faz literatura, mas*

de um inquieto, de uma formação íntima e fecunda, que se não perde no diletantismo de escrever.”⁴

Ainda segundo Firmo Dutra, a verdadeira vocação de Euclides era a defesa da pátria e o esforço em bem servi-la, o que ficou evidenciado desde seu trabalho de jornalista em Canudos, quando se inspirou e preparou para produzir o monumento literário que intitulou de *Vendéia*, e depois *Os Sertões*, e de maneira também grandiosa, o cumprimento cabal da missão confiada pelo Barão do Rio Branco, de produzir subsídios para o estabelecimento preciso e definitivo dos limites do Brasil.

Nesse trabalho extraordinário, quando arrostou perigos sem conta, Euclides, com um punhado de abnegados companheiros, conseguiu, com ingentes esforços, atingir a pontos extremos, nunca dantes percorridos pela civilização.no interior inexpugnável da floresta amazônica.



Paisagem amazônica

O valor desse trabalho superior grangeou para o nosso homem de ciência um grande prestígio, que o ajudou a prosseguir atuando no Itamaraty, na fase seguinte, em que os dados obtidos no campo teriam que ser analisados, chegando-se a importantes conclusões.

Importa destacar a atuação de Firmo Dutra, em seu relacionamento com Euclides e com outro renomado escritor, o valoroso Alberto Rangel.

Firmo conhecera Alberto na Escola Militar da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, mas tornara-se seu amigo mais tarde, quando, em junho de 1904, se encontraram, por acaso, na embocadura do rio Moa, extremos limites do Brail, nos contrafortes andinos. Rangel, doente, descia o rio, após longa estadia no Juruá-mirim, , onde mediu e demarcou seringais. Firmo ali se achava em missão oficial, cujo objetivo era a ocupação da região da embocadura do rio Amonea, invadido por forças do exército peruano.

No último capítulo do monumental livro “Inferno Verde”, Alberto Rangel fala de seu encontro com Firmo, que veio a conhecer Euclides da Cunha em Manaus, quando este estava residindo com Alberto Rangel, em seu chalé “rustico e romântico”, situado perto do reservatório do Mocó, “onde ainda se encontrava a mais extraordinária flora desse vale amazônico, que é um Paraíso Perdido, na frase lapidar de Euclides”.

Em seu interessante relato, Firmo dá conta das providências tomadas por Euclides para se desincumbir da missão a si confiada pelo governo brasileiro. No primeiro período, passado em Manaus, Euclides residiu no escritório da Comissão, preparando a marcha para as ignotas paragens que iria desbravar, e, para um necessário repouso, na Vila Glivínia, onde descansava o corpo, mas não deixava de se atormentar com o que Firmo descreve como “visível sofrimento íntimo”.

Com o que estaria Euclides sofrendo tanto?

Provavelmente sabia do que ocorria no Rio de Janeiro, entre sua mulher e Dilermando de Assis... Sentindo o peso da responsabilidade assumida quando se dispôs a chefiar a Comissão dos Limutes, e ainda açoitado pelo aguilhão da infidelidade, ele vivia momentos tormentosos, mas perseverava em sua marcha, que se iniciaria em momento desaconselhado de terminação patriótica!

Terminados os trabalhos preliminares, dever-se-ia, agora, arrostar a grande dificuldade de palmilhar mais de três mil quilômetros, marcha que se iniciaria em momento desaconselhado, pois que estava próxima a vasante dos rios. O relato dessa contingência encontra-se em seu Relatório de 1906.

Durante os três meses passados em Manaus, Euclides recolheu preciosas informações sobre a região: Documentos encontrados na biblioteca do Estado, arquivos do palácio do governo, mapas, roteiros e desenhos produzidos por estudiosos nacionais e estrangeiros, valorosos exploradores daquela terra ignota.

A importância do trabalho desenvolvido por Euclides da Cunha na Amazônia, reconhecida por todos, avulta ainda mais no momento presente, quando o mundo assiste, estupefocado, às guerras de conquista em que nações poderosas usam arsenais descomunais, não hesitando em bombardear cidades inteiras -- para dominarem países, a fim de se apoderarem de seus recursos naturais.. Mas a guerra explícita não é o único recurso usado pelas superpotências em suas investidas contra países. A diplomacia, a economia e a espionagem, além da infiltração legal, com a aquisição de grandes extensões de terras, -- são recursos amplamente utilizados.

Se Euclides ainda estivesse entre nós, certamente se escandalizaria, diante do cinismo e da crueldade dos atuais con-

quistadores, que usam bandeiras politicamente corretas como democracia, liberdade de expressão, cidadania, defesa do meio-ambiente e quejandos, para justificar suas ações beligerantes!

E isso sob o beneplácito da Organização das Nações Unidas (ONU), que foi criada para promover a paz, mas na verdade toma partido por um determinado bloco de nações, aprovando e até promovendo a guerra!

.

6. A campanha de Canudos e *Os Sertões*

Euclides queria uma República justa, tolerante e firme nos propósitos democráticos. Compreendeu a problemática de Canudos, e lamentou o morticínio desnecessário.

Enviado pelo jornal *O Estão de São Paulo*, para o sertão baiano, a fim de cobrir a revolta que, liderada por Antonio Conselheiro, preocupava o governo da república, Euclides da Cunha teve a grande oportunidade de aplicar seus vastos conhecimentos de geografia, sociologia, e outros ramos, a uma realidade que desafiava o poder central do país.

As causas que deram origem ao movimento de Canudos foram: o abandono em que os governos deixaram o interior, e a pobreza das populações e sua ignorância em relação ao país como um todo.

Tanto as oligarquias interioranas como a opinião pública da capital federal, manipulada pelos meios de comunicação, consideravam o movimento de Canudos como séria ameaça à república. Eis porque para lá foram enviadas nada menos que quatro expedições militares.

Canudos, é, para Euclides, “a nossa Vendéia” comparável ao movimento que camponeses franceses realizaram, um século antes, contra a revolução de 1789. Não aceita o modo como são tratados os cablocos do interior, vítimas de covarde carnificina, por parte do poder militar.

Euclides regressa do palco da guerra, doente, enfraquecido física e moralmente, mas seu temperamento aguerrido faz com que assuma uma atitude de vingança contra a terrível injustiça. Resolve escrever um livro revelador e justo, que mostre ao mundo o caráter do sertanejo e a verdadeira face da repressão.

CANUDOS - Esta é uma foto moderna da cidade de Canudos, cenário do conflito objeto de reportagens de Euclides da Cunha, e que redundou na escrita de *Os Sertões*, obra monumental, que lançou um libelo contra a prepotência dos governos sobre minorias políticas! (Foto de José Cardoso).



ANTONIO CONSELHEIRO - O líder religioso de Canudos, que foi trucidado pelas tropas governamentais.



Baseado em seu *Diário de uma expedição*, e ainda no que pudera ler, Euclides lança-se à elaboração de *Os Sertões*, que escreve nos momentos de folga de seu trabalho de engenheiro, especialmente quando em São José do Rio Pardo, onde aproveita “quartos de hora, nos intervalos de minha engenharia fatigante e obscura “. Auxilia-o com dados preciosos, o amigo Teodoro Sampaio, assim como Francisco Escobar, incansável colaborador.

Em *Os Sertões* temos uma visão diametralmente oposta à dos intelectuais da capital federal e dos representantes das oligarquias interioranas. Também oposta aos preconceitos raciais vigentes na época, quando se considerava o caboclo como um ser inferior. As elites queriam uma modernidade embranquecida, julgando que sertanejos, negros e pardos, deveriam desaparecer, face ao progresso...

A obra de Euclides, após ter sido negada sua publicação nas colunas de “O Estado de São Paulo”, foi aceita pela Livraria Laemmert, do Rio de Janeiro, que o lançou em 2 de dezembro de 1902, com financiamento do próprio autor. A edição definitiva foi um sucesso de vendas e de crítica, abrindo ao seu autor, as portas da Academia Brasileira de Letras. Foi também nomeado sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nunca é demais ressaltar o caráter pioneiro de Euclides, ao escrever esse monumento que é *Os Sertões*. Ele compreende todos os segredos da Terra, o flagelo e a desventura daquelas populações, e vai ao fundo do problema social. Antes porém de abarcar a problemática humana, define a essência física e estrutural do ambiente, para só então, na qualidade de historiador e sociólogo, enfrentar, descrever e analisar o drama de Canudos. Mas Euclides vai muito além! Ele nos mostra como o ataque a Canudos não foi apenas um ato punitivo contra rebeldes, mas uma guerra do litoral contra o sertão.

A história pode ser assim resumida: Antonio Conselheiro era um místico fanático, que se dedicava a produzir interpretações pessoais das escrituras, e criticar atos do poder central da República. Era contra o pagamento de tributos, pois considerava-os abusivos, prejudiciais à economia local.

Assumindo postura messiânica, vivia promovendo a restauração e a reconstrução de igrejas, conseguindo os recursos necessários com sua pregação religiosa.

Achando que a autonomia das municipalidades, trazida pelo novo regime, provocaria um grande aumento dos impostos, pregou a insurreição, promovendo a destruição dos editais de impostos, afixados nos locais de costume.

Vencendo a luta contra a polícia, Conselheiro resolveu, para maior segurança, retirar-se com seus companheiros para Canudos, uma aldeia, mais para o interior. Esperava não ser ali importunado!

O governo aceitou o desafio. Seguiram-se quatro expedições militares, envolvendo cerca de 6.000 homens, dos quais aproximadamente uma quarta parte foi eliminada pelos jagunços, em ferrenhos combates.

Mas finalmente, com a quarta expedição, os republicanos venceram! Os partidários de Antonio Conselheiro, e ele próprio, foram trucidados, e, para servir de exemplo, a cabeça decapitada do líder foi exposta em local público, numa selvagem demonstração de poder!...

7. O imortal da Academia Brasileira de Letras

Na Academia Brasileira de Letras, Euclides destaca-se, sendo-lhe dada a presidência da instituição por ocasião do falecimento de Machado de Assis, nela permanecendo por breve período, até a posse de Rui Barbosa.

Euclides era um revolucionário. Um gênio revolucionário. Calhou muito bem, perfeitamente, suceder a Magalhães Valentim, e ter como patrono a Castro Alves.

O excelso poeta de *Espumas Flutuantes*, consagrado por sua luta intimerata contra a escravidão dos negros, havia recebido homenagem do pai de Euclides, que lhe dedicou um poema:

A MORTE DE CASTRO ALVES

À sombra do cipreste ele repousa!
E a brisa que perpassa em torno à lousa
Murmura o nome seu!...
Poeta – despertou cantando amores,
Criança – ao vicejar da vida as flores
Sorrindo adormeceu!...
Oh! Deixai-a na paz dessa ventura...
Ele que foi do berço à sepultura
Tão cercado de luz!
Deixai o sonhador que em doce calma
Foi tranqüilo depor as flores d'alma
Nos braços de uma cruz!
Águia – um dia arrojada lá da altura,
Viu o mundo através da névoa escura,
Da negra cerração.
Voltejou, por instantes, sobre a terra,
Soprou-lhe o vendaval que a morte encerra,
Perdeu-se no bulcão!
Raio de luz na sombra do mistério,
Semelhou no clarão luzeiro etéreo
Que cedo se apagou!
Inspirado cantor nos sonhos d'alma

Viu a glória – tecer do gênio a palma
Que a fonte lhe adornou;
É o moço!... no verdor dessa esperança
Em fria sepultura eis que descansa
Seu crânio de vulcão!...
E... poeta – expirou cantando amores,
Como o cisne a morrer, que envia às flores
A última canção!

.....
Oh! Deixai-o na paz dessa ventura!
Ele que do berço à sepultura
Tão cercado de luz!
Se a pátria nele via o seu tesouro,
Na glória o nome seu em letras d'oiro,
Já bem perto reluz!...
M.R.P.C.
(Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha)

Euclides era, também, um lutador pela abolição da escravatura e a implantação do regime republicano, o que lhe valeu severa punição, por ato de insubordinação patriótica nas fileiras do Exército brasileiro.

Corria o ano de 1886. Euclides, aos 20 anos de idade, estava matriculado na Escola Militar sob o número 308. O ministro da Guerra, Tomás Coelho, fazia uma visita à Praia Vermelha em dia e hora escolhidos justamente para coincidir com a chegada de Lopes Trovão, líder republicano, que chegava da Europa e deveria ser retumbantemente recepcionado pelos cadetes. Revoltado, Euclides negou-se a prestar continência, e tentou quebrar o sabre. Não o conseguindo, atirou-o aos pés da autoridade.

Não somente Castro Alves, mas também Valentim Magalhães, ao qual Euclides sucedeu na ABL, apresenta-se-nos com muitas

afinidades com o autor de *Os Sertões*. Pugnavam tanto pela Abolição quanto pela República. Escrevia nos jornais, anunciando o surgimento de uma nova ordem social, que denominava de *Ideia Nova*. Idealista e revolucionário, liderava um grupo de jovens intelectuais, que atuavam nos meios de comunicação e nas academias de letras.

Além de *Os Sertões*, outras obras de Euclides contribuíram para enriquecer o acervo literário do Brasil. Debruça-se Almeida Magalhães, em seu artigo “*Euclides historiador*”, sobre *Contrastes e Confrontos, Peru versus Bolívia* e *À Margem da História*.

Diz ele que em *Contrastes e Confrontos*, Euclides mostra suas qualidades de historiador, analisando matéria que outros não abordaram ou o fizeram superficialmente.

Em *Peru versus Bolívia*, afloram as qualidades de historiador, que vai pesquisar em fontes diversas o material necessário, na busca da verdade. São documentos oficiais, velhas monografias e outras fontes, que compulsa para, relacionando esses dados com os obtidos na leitura de escritos de geógrafos, astrônomos, meteorologistas e demarcadores de limites, -- tirar importantes conclusões de interesse da administração nacional.

Encontramos em *À Margem da História* algumas das melhores páginas da historiografia brasileira. Admirável é o capítulo que trata do período que se estende da Independência à República. Trata-se de uma síntese histórica impecável e esclarecedora. Em



À Margem da História, Euclides mostra-se, além de historiador, sociólogo, geógrafo e ecólogo, sendo o precursor na aplicação desta ciência do meio ambiente à realidade nacional.

Alguns críticos literários observaram que Euclides teria se inspirado e apoiado em subsídios de livros de Joaquim Nabuco, autor de extensa e consagrada obra. Nabuco foi considerado um desbravador do caminho que Euclides palmilhou, nele imprimindo, contudo, o caráter inconfundível do gênio. Seu estilo ímpar, em que caminham harmoniosamente, erudição, eloquência, reflexão e colorido, -- oferece retratos fidedignos das realidades que observou, estudou, analisou e mostrou-nos como ninguém antes o tinha feito. Trabalhando as palavras com maestria, ele se utilizava não somente de seus significados, mas dos sons, que sabia relacionar com aqueles, produzindo textos vívidos, movimentados, cujas sonoridades se encaixavam perfeitamente com os significados, formando um todo compreensível e eloquente! Exemplo disto é a sua página *O Estouro da Boiada*, tema que foi também descrito por Rui Barbosa. Se compararmos os dois trabalhos, constataremos que, embora ambos de certa forma se igualem em excelência, o de Euclides tem mais colorido e movimento...

Euclides defronta-se com o destino em 15 de agosto de 1909, ao tentar acertar as contas com seu desafeto, amante de sua mulher, Dilermando de Assis. A tragédia ocorreu naquela manhã chuvosa de domingo no bairro da Piedade, na cidade do Rio de Janeiro

V elado na Academia Brasileira de Letras, e enterrado, a 16 de agosto, no Cemitério de São João Batista, seu corpo foi transladado, em 15 de agosto de 1982, juntamente com os restos mortais de seu filho, Euclides da Cunha Filho, também alvejado por Dilermando de Assis, anos depois, para um mausoléu em São José do Rio Pardo.

8. O esotérico em Euclides da Cunha

Euclides foi perseguido por visões, em suas noites de insônia. Era extremamente nervoso, sendo difícil para ele conciliar o sono. Isso acontecia em Monte Santo, em Queimados e especialmente em Canudos.

Coelho Neto, Firmo Dutra Eloi Pontes e o próprio Euclides são unânimes em confirmar. Narra Coelho Neto que Euclides se dirigia a cavalo para a ponte de São José do Rio Pardo quando divisou ao longe um vulto branco de mulher. Quando se aproximou, o vulto desapareceu. Comentando, ele disse: “Eu só senti não ter quatro chinelas para correr mais!”

Essa entidade às vezes passava mensagens, anunciando acontecimentos futuros.

Nervosismo, visões, insônia – tudo isso poderia ter sido pesquisado, analisado, e hoje saberíamos muito mais sobre o genial escritor.

Se considerarmos a dedicação de Euclides ao estudo das ciências, com o uso do método científico, veremos com clareza sua indisponibilidade para as ciências esotéricas.

Apaixonado pela ciência materialista, ele simplesmente não deixou espaço para uma maior incursão pelas veredas da espiritualidade... Tudo ele poderia explicar com sua refinada ciência!...

Poder-se-ia até lamentar essa falta de elementos espiritualistas na vivência de Euclides, consentâneos com sua inteligência, vasta cultura e sensibilidade. Todavia, tal não assume grande importância, dada a contribuição extraordinária do genial cientista e escritor...

Afinal, não se deve esperar tudo de todos, mas de cada um o melhor que ele possa dar!

9. São José do Rio Pardo e Cantagalo

Em São José do Rio Pardo

Euclides foi levado a São José do Rio Pardo, em 1896, pelas funções de seu cargo de engenheiro do Estado de São Paulo,. A princípio só, e depois com a família, instalou-se na Rua Floriano Peixoto, esquina da 13 de Maio.

Registram os cronistas que ele se esmerou no trabalho, constituindo-se em exemplo de dedicação e disciplina, qualidades necessárias tanto para a reconstrução da ponte como para a elaboração do livro que o consagraria como um dos melhores escritores brasileiros.

São José do Rio Pardo soube reconhecer e divulgar a importância da atuação de Euclides da Cunha em seu território. O Grêmio Euclides da Cunha, fundado em 1925 por José Honório de Sylos, Jovino de Sylos e Francisco Freire de Almeida Magalhães, sendo Prefeito o coronel José Pereira Martins de Andrade, — tem organizado eventos significativos, que ajudam a manter viva a chama do respeito e da admiração que arde nos



corações de todos os euclidianos espalhados pelos quatro cantos do mundo!

Em Cantagalo

Embora a juventude estudiosa de Cantagalo tenha, nos idos de 1925, prestado significativa homenagem ao autor de Os Sertões, colocando uma herma com seu busto em bronze na Praça 15 de

Novembro, mais tarde João XXIII, o povo cantagalense nutria certa mágoa contra Euclides, alegando que o escritor jamais tenha se importado com a terra natal, que não apareceria em sua obra literária, nem, em qualquer ocasião, visitado Cantagalo.

Contra esse posicionamento trabalharam a professora e poetisa Amélia Tomás e os jornalistas Antonio Ferreira de Carvalho e Sebastião A.B. de Carvalho, editores do jornal local O Novo Cantagalo. Sua persistente atuação ajudou na fundação, pelo governo estadual, em Cantagalo, da Casa de Euclides da Cunha, da qual veio a ser diretora a própria professora Amélia Tomás, redatora literária do mencionado jornal.

Mais recentemente, 10/09/1983, o literato Edmo Rodrigues Lutterbach, euclidiano, autor de várias obras sobre o laureado escritor, conseguiu, com alguns companheiros, que fosse levado para Cantagalo, e não para São José do Rio Pardo, que, em 15/08/1982, havia recebido os restos mortais de Euclides — seu encéfalo, conservado numa redoma de vidro. Assim foi feito, e hoje lá se encontra, na Casa de Euclides da Cunha, essa importante peça, despojo do genial cantagalense.

Não só Cantagalo e São José do Rio Pardo reverenciam Euclides da Cunha. Vários municípios brasileiros também o fazem, inclusive um que leva o seu nome, e Canudos, onde ocorreu o drama retratado pelo escritor.

Mas Euclides da Cunha é um vulto universal, com obras traduzidas para diversos idiomas, e aclamadas por estudiosos nos quatro cantos do planeta.

10. Euclides, exemplo e inspiração

Patriota, amante da natureza, dedicado ao trabalho e ao dever, esforçando-se sempre para colocar a inteligência a serviço das nobres causas, Euclides da Cunha será sempre um exemplo dignificante a ser imitado pelos seus concidadãos.

Conhecendo sua biografia e lendo os seus livros, constata-se essa saudável realidade, que nos faz crer com mais firmeza ainda nos destinos do Brasil, um país onde florescem inteligências e caracteres de tão alta envergadura.

Sim, porque além de Euclides mostra-nos a história outros grandes exemplos, alguns seus contemporâneos, com os quais Euclides de alguma forma se relacionou, como, por exemplo, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Barão do Rio Branco, Marechal Rondon, Alberto Rangel e tantos outros.

Seja no Itamaraty, na Academia Brasileira de Letras, no Instituto Histórico, ou no campo, em São José do Rio Pardo, em Canudos, na Amazônia, Euclides da Cunha aparece como uma figura ímpar de cidadão, de profissional, de desbravador da Terra, das ciências e da literatura.

Assim entenderam os chamados euclidianos, de São José do Rio Pardo, de Cantagalo, de todo o Brasil, que aproveitam todas as ocasiões propícias para homenageá-lo.

Muito já se escreveu, e certamente ainda se escreverá sobre ele, tanto no que se refere à sua vida, como à obra que legou aos pósteros, e que serve de base para estudos em vários campos do conhecimento: geografia, história, geologia, botânica, etnografia, ecologia...

A obra de Euclides vale como uma enciclopédia brasileira, sendo por isso considerada de fundamental importância para o conhecimento do país. E seu autor, certamente, constitui-se num grandioso exemplo de competência, brasilidade e patriotismo.

Todos precisamos de exemplos dignificantes como o que nos mostra o autor de *Os Sertões*, para que sirvam de guia, de

orientação para os nossos jovens, acoitados por tantos outros modelos negativos, de violência e corrupção.

Além de exemplo, a vida de Euclides da Cunha serve como inspiração, para todos quantos estejam à procura de novas maneiras de trabalho e produção. Nas ciências, geologia, geografia, ecologia, história, sociologia, assim como nas artes: literatura e todas as manifestações que retratam realidades, como a pintura e a escultura -- encontram-se ideias, modos de sentir e fazer que podem espicaçar a criatividade de quem quer se dedicar a algo de útil e inovador.

APÊNDICE

Textos de Euclides da Cunha

O estouro da boiada

Segue a boiada vagorosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sela, o vaqueiro, que a revê unida e acrescida de novas crias, ruma os lucros prováveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a ele, pelo trato feito. Vai dali mesmo contando as peças destinadas à feira; considera, aqui, um velho boi que ele conhece há dez anos e nunca levou à feira, mercê de uma amizade antiga; além, um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe, mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo, que subjugou, pegando-o “de saia”, e derrubando-o, na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de búfalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas regidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidáveis, em luta com os rivais possantes, nos logradouros; além, para toda a banda, outras peças, conhecidas todas, revivendo-lhe todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer da sua existência primitiva e simples.

E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los, embalando-os com o refrão monótono:

E cou mansão

E cou... é cão...

ecoando saudoso nos descampados mudos...

Estouro da boiada

De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção

repentino, aqueles centenares de dorsos luzidios. Há uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisingando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares ele chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura. . .

A boiada arranca.

Nada explica, às vezes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina o incidente mais trivial - o súbito vôo rasteiro de uma araquã ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subtânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando, de pancada, por diante, revoltos, misturando-os embolados, em vertiginosos disparos, aqueles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos.

E lá se vão: não há mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a “arribada” - milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico, precipitado na carreira doida. E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e valos, e

cerros, e galhadas - enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo - o vaqueiro !

Já se lhe tem associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadao, não já pelo trabalho dos que o encaçam e rebatem pelos flancos senão pelo cansaço, a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado.

Reaviam-no à vereda da fazenda; e ressoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente as notas melancólicas do aboiado (...)

Do Capítulo III de Os sertões - Euclides da Cunha

FONTES:

www.euclidesdacunha.org.br/

www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sertoos.html

O Sertanejo

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo nervoso dos mestiços neurastênicos do litoral...

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo - cai é o termo - de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja - caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o “campeão” que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência. Mas se uma rês “alevantada” envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Vimo-lo neste steeple-chase bárbaro.

Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moiras de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encaixar o garrote desgarrado, porque “por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo”...

Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças a pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando câmoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros . . .

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustenta-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira - estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção - “escanchado no rastro” do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; - e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoadada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta’ com a aparência triste de um inválido esmorecido (...).

PERÚ versus BOLÍVIA (Excerto)

A questão de limites entre a Bolívia e o Peru, submetida pelo Tratado de arbitragem de 31 de dezembro de 1902 ao juízo e decisão do governo argentino, envolve a maior superfície territorial que ainda se discutiu entre dous Estados.

A Bolívia, por comprazer ao desejo expresso da nação colitigante, parte da base de quase mil quilômetros, estendida entre o Madeira e o Javari, da linha divisória do Tratado preliminar de Santo Ildefonso, e reclama todo o território que lhe demora ao sul, limitado a oeste pelo curso do Ucayali até aos formadores do Urubamba e vertentes meridionais do Madre de Dios à esquerda do Inambari, reduzindo a máxima expansão oriental dos domínios peruanos à meridiana do rio Suches, e excluindo-os, inteiramente, dos vales amazônicos que se sucedem do Juruá ao Mamoré. O Peru, baseando-se, fundamentalmente, na mesma linha, exige os mesmos terrenos dilatados, extremando-os no levante com os *thalwegs* do Madeira e do Mamoré até à foz do Iruani, e ao sul com os do Madidi e Tambopata, por maneira a incluir no pleito largas superfícies de terras brasileiras, ao mesmo passo que agrava o *hinterland* boliviano, recalcando-o nas altas nascentes e cursos médios do Mamoré e do Beni.

O esboço cartográfico anexo pormenoriza os principais segmentos do irregularíssimo quadrilátero litigioso - cujas áreas se deduzem, com segurança, em números redondos: Região ao sul do Madre de Dios 93 000 km

Região entre o Madre de Dios, Abunã, Acre Meridional e paralelo 11° 73000 km

Região a oeste da linha Inambari-Javari 130 000 km

Região ao norte do paralelo 11° até a linha de Santo Ildefonso, conforme as últimas pretensões peruanas 424 000 km

TOTAL 720000 km

Destes Algarismos derivam-se paralelos que os tornam ainda mais eloqüentes. Assim, a zona controvertida ultrapassa as superfícies de nossos Estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo, que somadas attingirão no máximo a 690 000 quilômetros quadrados; avassalaria o bloco continental, que se constituísse juntando um terço da Espanha e toda a França; abrange mais do triplo do Uruguai; e corresponde a 25 Bêlgicas - o que a torna, de acordo com a densidade demográfica da última, capaz de uma população de 180.000.000 de habitantes, quádrupla da atual da América do Sul, dupla da atual dos Estados Unidos da América do Norte.

Não prolonguemos os confrontos.

Repregamo-los, adrede, de numerosas cifras, por eliminar quaisquer exageros, que os dispensa a realidade surpreendente. O que se vê, e se mede e se calcula, geometricamente, a planímetro e a régua, é a base física capaz de por si só conter uma enorme nacionalidade, e ao atentar-se que precisamente nos seus recessos, ainda não de todo conhecidos, se efetua nestes dias um incomparável povoamento intensivo, atraído pela privilegiada flora geradora da matéria-prima entre todas mais crescentemente exigida pela indústria moderna - põe-se de manifesto que o debate arbitral, em andamento, não entende apenas dos interesses imediatos das Repúblicas litigantes, senão também dos que se ligam, sob várias modalidades, à economia geral, à política, e até à civilização de todo o continente.

Daí, o interesse que desperta é a legitimidade da sua discussão, ao menos durante a litispêndencia, antes da sentença do juiz soberano e inapelável. Além disto, a este mesmo árbitro não lhe bastará a massa formidável de documentos cartográficos e históricos fornecidos pelos Governos interessados, apequenando-se na tarefa medíocre e exaustiva de contrastar um sem-número de linhas embaralhadas, e datas no geral inexpressivas; ou derivando

ao pecaminoso

anacronismo de agitar - inteiriços, enrilhados e rígidos - alguns velhos documentos coloniais, diante das exigências mui outras e das fórmulas mais liberais do direito atual entre as nações.

Embora, adstritas à praxe corrente nos deslindamentos hispano-americanos, as duas partes contratantes acordassem no submeter-lhe ao juízo os territórios que em 1810 compartiam as jurisdições das Audiências de Charcas (Bolívia) e de Lima (Peru), de modo que a sentença se haja de calcar, antes de tudo, sobre as antiquíssimas Cédulas reais, os dizeres emperrados da caótica *Recopilación de Leyes de Indias*, ou sobre as últimas Ordenanças de intendentes, de 1792 e 1803, é evidente que estas caducas, e não raro contraditórias, resoluções do mais retrógrado imperialismo da história, retardatárias de séculos, no fixarem as raias meramente judiciárias, ou administrativas, das parcelas dos Vice-reinados do Peru e Buenos Aires, contravirão, em muitos pontos, aos limites políticos dos dous Estados constituídos mais tarde com o mais ruidoso repúdio das antigas instituições que os vitimavam.

Basta considerar-se que desde 1824, remate da independência de ambos, eles não jazeram num seqüestro marroquino, ou chinês, próprio a justificar este transplante integral de tão emotas velharias para o nosso tempo. Formaram-se; evoluíram; expandiram-se; e no discurso deste processo histórico, que foi o da organização de suas próprias nacionalidades, vincularam-se, já expressamente, mediante outras decisões e tratados, já pelo intercâmbio inevitável dos interesses e das idéias, a existência das nações limítrofes, determinando deveres e direitos mais legítimos, entre os quais se destacam os relativos aos próprios territórios, que se intentam deslindar com as vetustas barreiras vice-reais, num grande salto mortal de cem anos, flagrantemente violador de toda a continuidade histórica.

Assim, no tocante ao Brasil, ambas as nações litigantes, desde

1851 e 1867, até 1903, pleitearam, à saciedade por vezes, a situação e grandeza das extremas setentrionais e ocidentais daquelas terras. Em debates, em convênios, em tratados, explícitos, solenes, balancearam à luz de outros princípios os interesses recíprocos; e no se firmarem, quer pelos lados do Peru, quer pelos da Bolívia, novos marcos demarcadores, o que sempre se patenteou em todos os documentos, das notas ministeriais às derradeiras instruções aos comissários, foi sobretudo o abandono daquela mesma divisória de Santo Ildefonso - linha mais valiosa do atual litígio - que as duas Repúblicas, urna após outra, reconheceram de todo imprópria a erigir-se em diretriz predominante das novas raias divisórias.

Destruíram-na, ou alteraram-na. O Peru eliminou-a em 1851; a Bolívia transmudou-a na oblíqua de 1867. A imaginosa fronteira que jamais obtivera sanção definitiva das primitivas metrópoles interessadas - conservando-se na história mercê do próprio abandono em que permaneceu o trato mais desconhecido da América do Sul - extinguiu-se com o simples avance dos conhecimentos geográficos, sancionados pelas mais inequívocas convenções políticas e administrativas.

Entretanto, ressurge, de surpresa, agora. Dizem-no os recentes mapas oficiais peruanos, sobre os quais cabeceará, longos dias, o árbitro, no desenredo da questão monótona.

A barreira colonial renasce num majestoso traço imperialista, espichada, e deslocando-se para o norte, golpeantemente, em pleno seio da Amazônia. Depois de tantas resoluções debatidas, afirmadas e ratificadas em numerosos atos oficiais, a República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, abdicando a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia, acolhendo-se à placenta morta da metrópole extinta, e revivendo, entre as singularidades desse processo retrospectivo, as

fantasmagorias do Vice-reinado, cujo acabamento foi a primeira condição da sua própria vida.

O caso é original nos registros atrapalhados dos deslindes territoriais.

Realiza-se, em ponto grande, o fato vulgar do geômetra bisonho, a tontear entre os riscos perturbadores de um problema errado, apelando para o recurso extremo de apagar a lousa.

Mas não se passam com o mesmo desafio as esponjas sobre os mapas.D

Demonstremo-lo.

Contemplemos nos seus vários aspectos, desde o nascedouro abortício à caduquice lastimável - periclitante e vária, à mercê dos lápis arbitrários dos copistas de mapas - aquela risca fantástica e curiosa de uma espécie de geografia espectral. E deduzam-se, depois, alguns corolários firmes.

Encravado nas terras questionadas, vê-se o território brasileiro do Acre - 191 000 quilômetros quadrados, que são a única circunscrição definida e segura na espessa penumbra geográfica onde em todos os sentidos as fronteiras se diluem.

O nosso interesse é manifesto.

Discutamo-lo.

Vejamos como os lados do amplíssimo quadrilátero litigioso se patenteiam bambeantes e incertos, ou desvaliosos, ou falsos, gravados de discordâncias inexplicáveis entre as posições ora sujeitas ao parecer arbitral e as que até bem pouco tempo lhes marcavam todos os documentos oficiais das Repúblicas contendoras.

E, sobretudo, notemos como a linha geodesia de 1777, assinalada entre o Madeira e o Javari - que por largos anos foi o pior embaraço da nossa diplomacia, e novamente a ameaça, pressuposta uma solução favorável ao Peru - apareceu desde o Tratado de 1750, em que pela primeira vez se delineou, com os

mais evidentes estigmas de inviabilidade.

Sabe-se como se fez o Tratado de 1750.

Até aquele ano a geografia política sul-americana desenhara-se, romanticamente, adscrita ao meridiano de Tordesilhas, que entrava pelo Pará a sair em Santa Catarina, dilatando a soberania espanhola sobre quatro quintos do Novo Mundo. Ainda em pleno século XVII mapas refletem a ingênua e portentosa partilha. Todo o continente mal chega a escrever-se num título vago e magnífico - *Peruvia* - em sete maiúsculas dominantes, alinhadas, em curva apreensora, pelo centro das terras, desde Panamá ao cabo Hom. A alguns cartógrafos não lhes satisfazia a impressão gráfica a entrar, tão viva, pelos olhos espantados ante domínios tão vastos. Aditavam, complacentes: "*Peruvia, id est, novz orbis pars meridionalis.*"

E a imaginativa desapertava-se-lhes no bosquejarem, pinturescamente, em toda a extensão das cartas, forros dos liames incômodos das fronteiras, tudo quanto o idealismo ensofregado da época engenhara a povoar as novas terras - da "Lagoa dourada", ao norte, ao *Regio gigantum*, da Patagônia, ao sul, passando pelos monumentos da teocracia incomparável dos Incas. De sorte que, por vezes, mal lhes sobrava o espaço para a caricatura de três ou quatro caboclos desfibrados, no extremo oriental, onde se lia, em caracteres diminutos, inapercebido, ou relegado a expansão peninsular do cabo de São Roque, um outro nome, *Brasília*, tendo, não raro, um subtítulo arrepiadoramente epigramático: *Psitacorum regio*.

Ora, na mesma época em que se romanceavam assuntos tão graves, em narrativas lardeadas de extravagantes devaneios, a situação real das paragens debuxadas era mui diversa. A linha imaginaria de Alexandre VI perdera, de fato, a retitude da sua definição astronômica, e partira-se, ou torcera-se, deslocando-se para o ocidente.

Não nos desviemos na tentativa impossível de enfeixar em poucas linhas um movimento histórico, onde incidem os mais complexos motivos das energias étnicas oriundas do caráter excepcional dos nossos mamalucos, as causas administrativas resultantes dos sistemas coloniais, de todo contrapostos, de Portugal e Espanha. O fato é que na plenitude da expansão povoadora, quando a sombria legislação castelhana enclausurava os colonos no círculo intransponível dos distritos,

sob a disciplina dos corregedores, vedando-lhes novos descobrimentos, ou entradas, sob “*pena de muerte y perdimento de todos sus bienes,*”⁽¹⁾ os portugueses avançavam mil léguas pelo Amazonas acima, e nas bandas do sul os nossos extraordinários mestiços sertanejos iam do Iguaçu as extremas do Mato Grosso, perlongando o valo tortuoso e longo do rio Paraguai.

Os paulistas desarranjavam toda a geografia política sul-americana. Desde o alvorear daquele século delatavam-nos a metrópole castelhana as vozes alarmadas dos missionários e dos Vice-reis, persistentes, clamantes, sucessivas, em cartas, em ofícios, em expressivos informes, que adensados num livro seriam a mais fiel apologia da raça nova e triunfante, naquele irromper tão de golpe e já apercebida de atributos surpreendedores para a conquista da terra. Porque naquelas missivas angustiosas, incontáveis, refletindo a preocupação exclusiva de todos os delegados coloniais, martela, monotonamente, um estribilho único. Este: providências e medidas urgentíssimas “*a contener os portugueses del rio de S. Pablo ...*” E quando cessa é para ceder a variantes piores: em 1638, por exemplo: o licenciado Presidente da Audiência de Charcas, depois de descrever a marcha da invasão, sobrestante no território de Moxos e com energia virtual capaz de a conduzir mais longe, sacudiu, irreverentemente, a sonolência respeitável do venerando Conselho das Índias com uma conjectura apavorante:

“*...puede suceder que ellos se apoderen de las cordilleras del*

Itatim, y sean señores de todo el corazón del Pirú!...”

Seriam infundáveis transcrições deste teor.

Abreviemos.

O Tratado de 1750 surgiu imposto por estas conjunturas prementes, que ele mesmo denuncia.

Foi a glorificação da mais extraordinária marcha colonizadora que se conhece, desencadeada para o poente e apisoando os mais rígidos convênios, que se pactuaram entre Tordesilhas e Utrecht. Sancionou o triunfo de uma raça sobre outra. O que se viu, concretamente, maciçamente, depois da sua assinatura, sob o carimbo esmagador do fato consumado, foi que uma crescera, triplicando os primitivos domínios, e que a outra diminuía, ou recuara, a abrigarse, assombrada, no espaldão dos Andes.

E o seu efeito predominante, O seu significado imperecível, consistiu, essencialmente, em deslocar, pela primeira vez, das relações civis para as internacionais, o princípio superior da posse baseado na capacidade para o domínio eficaz e povoamento efetivo das novas regiões.

Porque no tocante as linhas limítrofes, esboçadas, foi vacilante e dúbio.

A sua exegese está nas minutas, cartas, propostas, contrapropostas e proêmios, que se cruzaram entre Aranjuez e Lisboa, na esgrima magistral do espírito vibrátil de Alexandre de Gusmão e a diplomacia cautelosa de Carvajal y Lancaster. E deletreando-os, o que sobretudo se destaca são as incertezas de ambas as metrópoles, na partilha do continente, subordinando-o às divisas naturais, mal definidas ou confusas, no imperfeito dos conhecimentos geográficos.

FOTOS ANTIGAS

Extraídas da revista DOM CASMURRO, de 1946, edição dedicada a Euclides da Cunha.



A chegada de Alberto Pinto, como chefe da comissão brasileira de estudos sobre o Rio de Janeiro. Euclides estava à sua esquerda, mas não está visível nesta fotografia. (Reprodução do original)



Euclides da Cunha em uma das suas viagens de trabalho. Ele está no centro da formação, com o braço direito levantado. (Reprodução do original)



Foto de 1900, feita em L. Manoel de C. do Rio, Duques de Gama, Rio de Janeiro e a cidade, Portugal, Augusto.



Retrato que deve ter sido tirado na cidade de Rio de Janeiro, em 1900, com a participação de Euclides da Cunha em 1900, com a participação de Euclides da Cunha em 1900.



HIPOLYTE CEZAR — "Um
estudioso, com a mente
incansável e disciplinada
em 20 por cento, mas
o resto do conhecimento vem
de sua própria força".
EUCLIDES DA CUNHA.



TABAJARA — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado.
O tipo de homem que
faz o trabalho de um
soldado e não o de um
soldado". — EUCLIDES DA CUNHA.



TOMPAZ FARIAS — "Um
soldado de verdade, com
o espírito de soldado,
com o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



TOM GALVÃO — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



ARISTON BOTELHO — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



ANDRÉ BELLO — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



JOÃO PINHEIRO — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



LUCIANO DE ALBUQUERQUE — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



FRANCISCO BELLO — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



PAULO FIGUEIRA — "Um bom
soldado, com a mente
e o corpo de soldado,
com a alma de soldado,
com a mente de soldado,
com a força de soldado".
EUCLIDES DA CUNHA.



Em CAMPANHA em 1904. Foto feita em 1904 por Euclides da Cunha (a primeira da direita sentado) ao lado de João Luis...



Euclides aos 87 anos



Euclides, Tenente de Artilharia aos 27 anos



Benvenista e única filha de D. Eufrasia Mendes de Castro, mãe de Euclides



Retrato biológico pintado de Euclides, por Dr. Euclides

Autor: Sebastião A.B. de Carvalho

Nascido em Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de janeiro de 1938, porque sua avó lá residia, e sua mãe, moradora de Cantagalo RJ, foi em busca de recursos médicos. Parto normal, com parteira



tradicional. De Ipanema para Cantagalo, depois para Bom Jardim, retornando então a Cantagalo. Sua formação ocorreu quase toda em Cantagalo/Bom Jardim. Na terra de Euclides da Cunha, fez primeiro e segundo graus. Destacou-se como o melhor

aluno em Português e Inglês. Era reconhecido como “o único aluno que entendia a Professora de Português, a poetisa Amélia Tomás”. E era verdade! *Filho de peixe...* - Filho de jornalista, já aos treze anos trabalhando em oficina gráfica de jornal do interior, aquele excelente aluno de Português e Inglês cedo deixou de ser criança, para se tornar o Redator-Chefe do jornal O NOVO CANTAGALO, e professor de Inglês no Ginásio local.

Mas antes de assumir pesadas responsabilidades com a família e a sociedade, aquele menino claro e magrinho também conheceu todas as brincadeiras infantis de sua época, sem se descuidar das obrigações escolares.

Leccionando em Cantagalo, (autodidata) veio a submeter-se a Exames de Suficiência, para professor de Inglês, obtendo o registro do MEC.

Nos idos de 1957, aceitou convite de seu irmão, o então professor Roberto Bastos de Carvalho, para lecionar no Ginásio que ele estava inaugurando em Pirapetinga MG. Lecionou Português, Inglês e Geografia, pois havia falta de professores.

Graduou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia N.S. Medianeira, de Nova Friburgo (hoje, São Paulo) em 1965.

Bem sucedido em concursos públicos, em 1966, tornou-se professor do Estado do Rio de Janeiro, cadeiras de Inglês e Estudos Sociais, atuando em vários colégios: Liceu Nilo Peçanha, Colégio da Polícia Militar, Colégio Estadual Aurelino Leal, aposentando-se em 1986.

Foi Professor de Inglês, Estudos Sociais e Orientação Educacional no Colégio Salesiano Santa Rosa, onde permaneceu por 8 anos, tendo escrito um livro: “Estudos Sociais - Sociologia – Economia - Política”, editado pela Escola Industrial D. Bosco – Salesianos de Niterói RJ, 1971.

Aprovado em concurso de Telegrafista dos Correios e Telégrafos, tendo aprendido código Morse com Ary Miranda, cordeirense que trabalhava na agência de Cantagalo, Sebastião escolheu Cantagalo, e assim pode

ajudar sua família. Hoje, com o avanço tecnológico, não mais se utiliza o código Morse, pois aquele aparelho virou peça de museu!

Sebastião criou, em 1959, o Centro de Estudos e Pesquisas “Euclides da Cunha”, um pequeno grupo de jovens interessados em estudar e pesquisar tudo sobre Cantagalo. O CEPEC possibilitou o redescobrimento de uma gruta calcária belíssima, a Gruta da Pedra Santa, em Euclidelândia. Muito mais tarde, em 1991, Sebastião, com Rosa Maria Rossi, veio a descobrir outra Gruta, que nomeou como “Gruta do Novo Tempo”, em Boa Sorte.

Ingressou na “Cultura Inglesa”, em Icaraí, em 1965, começando pelo 5º ano, mediante prova escrita e oral. Cursou a Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense - UFF - Niterói RJ em 1970 - (apenas o primeiro ano). Nos anos de 1973/74, realizou várias pesquisas, para diferentes instituições.

Iniciado na Fraternitas Rosicruciana Antiqua (FRA) em 1977, freqüentou a Aula Lucis Saint Germain em Niterói, a Aula Lucis Central no Rio de Janeiro e a Igreja Gnóstica. Foi iniciado na Maçonaria (GOB) na década de 80. Nos graus filosóficos, chegou ao 32º e, na Loja Simbólica, a Mestre Instalado. Recebeu as três iniciações em Reiki (Master, pelo Satya Reiki

Communion). Também iniciação e treinamento em Kung-Fu, pelo Mestre Lee Tat Yan.

Fundou, em 1982, o Sagrado Círculo de Thelema (SCT), sob o lema: Liberdade Consciente, Amor Transcendente, Beleza Divinizada e Consciência Plena para todos os Seres! E criou a Sociedade Budista-Hinduísta Renovadora – SOBUHIR, sob a égide espiritual do guru Bhagavan Sri Ramana Maharshi, em 2006.

Viajou para os Estados Unidos da América do Norte em 1987/1988, com licença sem vencimentos, do INSS. Morou em New York e em Dallas. Frequentou curso de Inglês no Richland College (Dallas), concluindo o último nível (5º) do ENGLISH AS A SECOND LANGUAGE (Inglês para estrangeiros).

Em 1996, editou uma nova versão do CANTAGALLO NOVO e fundou o jornal NITERÓI CULTURAL, mas, após alguns meses, resolveu parar com aquele, e passar a trabalhar com o NITERÓI CULTURAL apenas na Internet, o que continua a fazer até hoje.

NITERÓI CULTURAL, www.nitcult.com.br dedicou-se com perseverança à divulgação do trabalho dos literatos niteroienses, criando uma CONFRARIA VIRTUAL DE NITERÓI.

Em setembro de 2005, Sebastião Carvalho foi eleito e admitido no CENÁCULO

**FLUMINENSE DE HISTÓRIA E LETRAS –
CFHL, ocupando a cadeira cujo patrono é
VALENTIM MAGALHÃES.**

Finalmente, em junho de 2006, aposentado, retirou-se com sua mulher, Rosa Maria Rossi de Carvalho, percorrendo vários estados da federação, mas afastado da atividade social antes exercida.

De seu primeiro casamento, com Berenice Fagundes de Carvalho, teve dois filhos: Newton, engenheiro da Marinha do Brasil, e Mônica, veterinária do Estado de São Paulo, que lhe deu duas netinhas, Isabelle e Lara.

OBRAS

- 1- ESTUDOS SOCIAIS - Sociologia – Economia - Política, editado pela Escola Industrial D. Bosco – Salesianos de Niterói RJ, 1971.**
- 2- AMOR E REGENERAÇÃO – O sexo divinizado. Edição do Autor. 1983.**
- 3- ANTONIO CARVALHO, o Jornalista de Cantagalo – Niterói, 1988.**
- 4- O TESOURO DE CANTAGALO – a saga do desbravador Mão de Luva. Edição da Prefeitura de Cantagalo – 1991.**

segue...

5- ORÁCULO DE THELEMA – livro e cartas que sintetizam o conhecimento esotérico e místico. Edição do autor. Niterói - 2005.

6- ALÉM DO ABISMO - Os Graus do SCT - 2006.

7- AMARGURA E GÊNIO na Vida de Euclides da Cunha – 2012.

8- DESVELANDO OS MISTÉRIOS - Edição do SCT Niterói, 2004.

COMO Mahabhutani ou Genelohim, com Rosa Maria Rossi de Carvalho, Indrananda ou Yesodth

9- A NOVA DOUTRINA DE RAMANA MAHARSHI Edição - da SOBUHIR - Niterói, 2004.

10- EU SUPEIOR, CONSCIÊNCIA ABSOLUTA - 2006.

11- ONIPRESENÇA DIVINA - 2011.

12- A SUPREMA ESSÊNCIA - Genelohim e Yesodth - 2011.

13- O LIVRO DAS CHAMAS DE SAINT GERMAIN 2011.

14- OS INVÓLUCROS DO SER - Ramana Maharshi - Mahabhutani e Indrananda - 2011.

15 - OS LIVROS SAGRADOS DO SAGRADO CÍRCULO DE THELEMA - 2011.